

A Escola de Educação Física do Exército e a Guerra

Maj. Méd. Dr. SETTE RAMALHO
(Ex-Chefe do Departamento Médico da E.E.F.E.)

A guerra exige a adaptação de todas as atividades de uma nação às suas necessidades. Desde as grandes indústrias a pecuária; desde a agricultura à mineração; desde a química até a medicina.

As adaptações devem, entretanto, se operarem de acordo com um plano estabelecido em paz ou antes do início real das operações, evitando-se, assim, perda de tempo e desperdício de material. A Medicina de Guerra é uma adaptação dos conhecimentos médicos gerais e especiais ao caso bélico. A Higiene toma um maior impulso, tão grande que os algoritmos de perdas por moléstias, notadamente epidêmicas, danças superando de muitíssimo as perdas por ferimentos, hoje tem suas proporções invertidas. A Cirurgia toma um aspecto grandioso, com novos casos, com a solução imediata de caprichosos ferimentos e lesões pouco observadas na prática comum, aparecendo os Hospitais-de-Sangue, com equipes operando em série; os centros de recepção e conservação de soros e sangue destinadas às transfusões se multiplicam; a Cirurgia Plástica, antes de tão pouca expansão, adquire nova importância; a Ortopedia eleva seu potencial a grandes alturas.

Colocada ao lado da Ortopedia, a Ginástica Médica, ativa e passiva, vai contribuir grandemente para a solução dos recuperados de guerra, problema que afeta não só aos combatentes, mas ainda vai influir na situação de após guerra. Diz respeito à volta dos homens à luta; diz também respeito ao aproveitamento de numerosos estropeados para a economia da nação.

É a recuperação qui-esioterápica dos feridos de guerra, pois, uma das exigências da situação criada. Mister se faz da adaptação do que existe a esta nova circunstância.

Que entidade melhor poderia servir a essa finalidade que uma Escola de Educação Física?

A transformação é, relativamente, fácil; aquisição de material destinado à ginástica passiva, transformação de instrutores e monitores de educação física normal em especialistas que seguirão as prescrições dos médicos responsáveis por casos especiais, visando aqui um grupo muscular atrofiado, ali uma articulação anquilosada, etc.

Tudo isso exige pessoal adestrado às novas funções; pessoal numeroso e bem treinado. Todos os especialistas são mobilizados, notadamente os ortopedistas e ali aproveitados na sua especialidade.



Aparelho para correção dos desvios da coluna vertebral (Prof. Sayre)

Surgem também outros aspectos que merecem atenção, problemas de após guerra a ter solução, como seja o da reeducação, em que se procura adaptar o mutilado a uma nova profissão, por ter sua lesão o incompatibilizado com seu antigo meio-de-vida. Aqui se fará de possíveis peso-mortos na economia nacional, cidadãos capazes de produzir, levando uma existência digna, ao mesmo tempo que útil à coletividade.

A adaptação da Escola de Educação Física do Exército a esta nova missão é racional. Nenhum outro estabelecimento no Exército seria melhor indicado para tal. Para justificar isso basta alhar-mos para o que aconteceu na França da Grande Guerra com a Escola de Joinville-le-Pont. Fechada no início da gran-

da conflito, foi, logo após, reaberta para esta nova finalidade. E tão proveitoso foi o resultado de suas novas atribuições que assim se manteve até muito tempo depois de terminada a guerra. Ainda mais: ela se ampliou, não só em suas instalações próprias como também pela criação de centros de reeducação espalhados por várias zonas do país, que funcionavam sob sua orientação.

Este é o papel que, certamente, será reservado à nossa.

Há, porém, necessidade de irmos estudando desde já sua adaptação, provendo-a de material próprio à ginástica ortopédica e de pessoal instruído para as novas funções, para que não sejamos obrigados a uma improvisação e não venhamos, mais uma vez, a ser acioimados de imprevidentes.